

□ Tempo de leitura: 5 min.

*Do Uruguai à Etiópia, passando pela Irlanda: o caminho do P. Inácio José LAVENTURE OTEGUI é o de um salesiano que se sente, antes de tudo, “enviado”. Nascido em Montevideu em 1972 e criado em um ambiente salesiano desde os seis anos, partiu como missionário em janeiro de 2001, poucos meses após a ordenação sacerdotal. Há vinte e cinco anos serve a circunscrição da Etiópia-Eritreia, quase sempre no campo da formação: sócio do mestre e depois mestre de noviços em Debre Zeit, encarregado do centro juvenil e professor de teologia em Adigrat, depois vigário, delegado para a formação e secretário. Em 25 de agosto de 2025, assumiu a liderança da Visitadoria Maria Kidane Mehret (AET). Nesta entrevista, ele conta a pergunta que mudou sua vida, o amor por Maria Auxiliadora aprendido com sua mãe e os desafios dos jovens em um país ferido pela guerra.*

### **Poderia se apresentar?**

Sou o P. Inácio José Laventure Otegui. Nasci em 27 de dezembro de 1972 em Montevideu, no Uruguai. Fiz a primeira profissão em 31 de janeiro de 1992 nos Talleres Don Bosco e, na mesma paróquia e casa salesiana, fui ordenado sacerdote em 30 de setembro de 2000. Poucos meses depois, em janeiro de 2001, parti como missionário: primeiro para a Irlanda, para estudar inglês, e em agosto do mesmo ano desembarquei na minha terra prometida missionária, a Etiópia-Eritreia. Nestes vinte e cinco anos de vida missionária, trabalhei principalmente no campo da formação. De 2001 a 2004, estive na casa do noviciado em Debre Zeit, como sócio do mestre e encarregado do oratório-centro juvenil; depois obtive a licenciatura em Teologia Dogmática na UPS (2005-2007); de 2007 a 2010, estive no pós-noviciado de Adigrat, como encarregado do centro juvenil e professor de teologia no Seminário Maior da diocese; de 2010 a 2019, voltei a Debre Zeit como mestre de noviços. De 2019 a 2025, fui vigário inspetorial, delegado para a formação e secretário inspetorial. Em 25 de agosto de 2025, iniciei meu serviço como superior da Visitadoria Maria Kidane Mehret (AET).

### **Quando sentiu o chamado pela primeira vez e o que o levou aos**

## **salesianos?**

Posso dizer que quase nasci em uma casa salesiana: não tenho lembranças de infância que não estejam ligadas aos salesianos. Entrei na escola salesiana de São Francisco de Sales (Maturana) aos seis anos, fiz lá todo o ensino fundamental e médio, e depois passei para o instituto pré-universitário salesiano João XXIII. Minha mãe era Cooperadora Salesiana e, junto com meu pai, fazia parte da comissão de pais: eles eram muito envolvidos na vida da escola. Fui membro dos clubes Domingos Sávio e Zeferino Namuncurá e, depois, da Juventude Missionária Salesiana. No entanto, nunca havia pensado em me tornar salesiano, até que o diretor do Maturana, que estava conversando com todos os alunos, me fez a pergunta: “Você já pensou em se tornar salesiano?”. Ainda me lembro da minha resposta: “Você está louco, de jeito nenhum”. Mas naquele dia ele plantou uma semente no meu coração, uma semente que começou a brotar e que floresceu um ano depois, quando entrei no Aspirantado salesiano de Villa Colón, em 20 de junho de 1989.

## **Há algum evento ou pessoa em particular que influenciou significativamente sua decisão de se tornar salesiano?**

Sim. A pessoa é o salesiano que acabei de lembrar, o P. Félix Irureta. Ele me fez aquela pergunta e depois não voltou mais ao assunto, até quase um ano depois, quando fui eu quem o procurei: seu respeito e seu silêncio foram muito importantes para mim. Quanto aos eventos, eu diria a minha primeira experiência missionária com o grupo missionário em Melo, aos catorze anos. Aquela experiência, de certa forma, me tirou da minha zona de conforto e, como fruto, tornei-me animador no oratório das Filhas de Maria Auxiliadora, na escola Maria Auxiliadora.

## **Quais foram os principais desafios e as maiores alegrias durante a formação e os primeiros anos como salesiano?**

As maiores alegrias foram o espírito de família que respirei e assimilei nas diversas casas de formação e entre os irmãos, e depois o trabalho e a animação no oratório. Comecei como animador aos catorze anos e continuei durante toda a formação, e

também depois: estar no meio das crianças e dos jovens era e é uma grande alegria. Um dos maiores desafios, por outro lado, foi superar minha timidez e o medo de enfrentar situações novas: eu era uma pessoa muito reservada e silenciosa.

### **Quais desafios vê hoje no acompanhamento dos jovens e quais ferramentas salesianas considera ainda eficazes?**

Acho que um dos desafios é a velocidade das mudanças, especialmente entre os jovens: como salesianos, podemos ter a sensação de não conseguir acompanhar, de não conseguir entrar no mundo deles. No ano que vem, celebraremos os 150 anos do Sistema Preventivo, essa grande intuição de Dom Bosco: aqui temos uma ferramenta sempre eficaz, desde que saibamos aplicá-la à realidade de hoje. O Sistema Preventivo implica nossa presença física no meio dos jovens, aquilo que em nossa tradição chamamos de assistência. Essa também é uma ferramenta fundamental.

### **Como se mantém espiritual e humanamente firme nos momentos difíceis?**

Meu mestre de noviços, antes de partirmos para os diferentes locais de apostolado, sempre nos repetia: “Lembrem-se, vocês são enviados”. Isso me ajudou muito nos momentos difíceis: saber que não sou eu quem manda, mas que fui enviado pelo Senhor. A missão é dele, e Ele nos prometeu estar conosco até o fim. Gosto do que diz São Paulo: “Sei em quem acreditei” (2Tm 1,12). Olhar para Jesus, buscá-lo mesmo quando não entendo o porquê disso ou daquilo, tem sido importante na minha vida salesiana. Como grupo de noviciado, havíamos escolhido o lema: “Nossa vida te pertence; nós a colocamos em tuas mãos”.

### **Como descreveria a espiritualidade salesiana em poucas palavras?**

Não é fácil em poucas palavras, mas eu diria que é uma maneira simples, alegre e profunda de entrar em uma relação de amizade com Deus.

## **Quais são as necessidades locais mais urgentes e as necessidades dos jovens?**

Os jovens têm muitas necessidades no mundo de hoje, mas talvez uma das mais importantes seja a de ter verdadeiros modelos de vida e adultos prontos para acompanhá-los, para caminhar com eles. Em nível local, os jovens sofrem com a instabilidade política e econômica do país. Após a guerra, muitos perderam a esperança no presente e no futuro e se tornaram vítimas de vícios, tráfico de seres humanos e violência. É urgente caminhar com eles e tentar reconstruir a confiança e a esperança. Como salesianos, devemos ter a coragem, como Dom Bosco teve em sua época, de oferecer novas respostas a novas situações e desafios.

## **Que lugar Maria Auxiliadora ocupa na sua vida?**

Uma das lembranças da minha infância é uma estátua de Nossa Senhora que todo mês vinha à nossa casa por alguns dias, para depois passar para outra família. Naquela época, minha mãe dizia a mim e ao meu irmão mais novo: “Está la virgencita, vayan a saludarla” (“A Virgenzinha está aí, vão cumprimentá-la”). Com minha mãe, aprendi a amar Maria como Auxiliadora, e isso me acompanhou nos altos e baixos da vida. Experimentei na minha vida e na minha vocação o que Dom Bosco dizia: que toda vocação salesiana é trazida para a Congregação por Maria.

## **Tem uma mensagem para a Família Salesiana?**

Essa também foi uma grande intuição de Dom Bosco, embora ele não a chamasse de Família Salesiana. Ele havia compreendido o potencial de envolver muitos tipos diferentes de pessoas em sua obra de educação e evangelização dos jovens. Acredito que esse dom de Deus que é a Família Salesiana seja um sinal dos tempos, um chamado de Deus para trabalhar cada vez mais em sinodalidade, para usar uma expressão do Papa Francisco, pela “salvação dos jovens”.